ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

múltiplas visões

Volume 2

Gabriel F. de Oliveira
Leandro Paiva
Marcial Cotes
Michel Justamand
Vitor José Rampaneli de Almeida
orgs.



Gabriel F. de Oliveira
Leandro Paiva
Marcial Cotes
Michel Justamand
Vitor José Rampaneli de Almeida
Organizadores

ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

MÚLTIPLAS VISÕES

VOLUME 2

UFAM

ALEXA CULTURAL

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Embu das Artes - SP
2024

© by Alexa Cultural / EDUA

Direção
Gladys Corcione Amaro Langermans
Nathasha Amaro Langermans
Editor
Karel Langermans
Capa
Fabíola Rosa
Revisão Técnica
Gabriel F. de Oliveira, Leandro Paiva, Marcial Cotes, Michel Justamand e Vitor José Rampaneli de Almeida
Revisão de Língua Portuguesa
Vânia Cristina Cantuário de Andrade
Editoração Eletrônica
Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A716 Arte rupestre brasileira: múltiplas visões - Volume 2 / Organizadores Gabriel F. de Oliveira... [et al.]. – Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2024.

310p. : il. ; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-5467-386-4

1. Arqueologia – Brasil. 2. Pinturas rupestres – Brasil. I. Oliveira, Gabriel F. de. II. Paiva, Leandro.III. Cotes, Marcial. IV. Justamand, Michel. V. Almeida, Vitor José Rampaneli de.

CDD 709.0113

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Índices para catálogo sistemático:
1. Arqueologia
2. Arte Rupestre
3. História da Arte

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610
Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da editora e dos organizadores

Alexa Cultural Ltda
Rua Henrique Franchini, 256
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140
alexa@alexacultural.com.br
alexacultural@terra.com.br
www.alexacultural.com.br
www.alexaloja.com

Editora da Universidade Federal do Amazonas
Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos,
n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho,
Centro de Convivência – Setor Norte
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290
E-mail: ufam.editora@gmail.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO
Maria Conceição Soares Meneses Lage
- 11 -

Apresentação dos organizadores
ARTE RUPESTRE BRASILEIRA: NUMEROSOS OLHARES
Gabriel F. de Oliveira, Leandro Paiva, Marcial Cotes, Michel Justamand e Vitor José Rampaneli de Almeida
- 21 -

DA METONÍMIA À METÁFORA, NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO
Celito Kestering e Vanessa Cosma da Silva
- 27 -

A EXPOSIÇÃO PRÉ-HISTOMANIA: ENTRE A PESQUISA E A CRIAÇÃO ARTÍSTICA
Fabiana Comerlato
- 51 -

AS SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NO COMPLEXO ESTILÍSTICO SERRA TALHADA DA TRADIÇÃO NORDESTE DE PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA-PI: UM ESTUDO DE CASO
Gabriel Frechiani de Oliveira, Suely Amâncio Martinelli e Soraia Dias de Brito e Silva
- 61 -

LUGARES DE MEMÓRIA – UMA CONVERSA COM A PAISAGEM E OS GRAFISMOS RUPESTRES DE TORRES DO RIO BONITO EM PALESTINA DE GOIÁS
Grazieli Pacelli Procópio
- 85 -

AS CENAS SÃO DE "LUTA CORPORAL" OU "GUERRA" EM REGISTROS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA?
Leandro Paiva, Deise Lucy Oliveira Montardo, Fátima Medianeira Flores de Vargas, Michel Justamand, Marcial Cotes, Gabriel O. Frechiani e Vitor José Rampaneli de Almeida
- 97 -

REGISTROS RUPESTRES NO ÂMBITO DA COMUNICAÇÃO E HERANÇA CULTURAL BRASILEIRA
Luana Tognetto Alberto
- 115 -

TUDO JUNTO, NUM SÓ LUGAR – PAISAGEM: ARTE RUPESTRE NA CULTURA (I)MATERIAL NO SERROTE DA LAGOA DO FOFÔ, NOS SERTÕES DO QUIXERAMOBIM, NO CEARÁ, NORDESTE DO BRASIL
Marcélia Marques, César Ulisses Vieira Veríssimo, George Teixeira, Fernanda Elisa Costa Paulino e Jefferson Lima
- 133 -

ARTE RUPESTRE: A CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO ANTES DO BRASIL
Marcial Cotes, Leandro Paiva, Artemis de Araújo Soares, Michel Justamand, Gabriel Oliveira e Vitor José Rampaneli de Almeida
- 153 -

PAISAGEM TERRESTRE E PAISAGEM CELESTE: UMA PESQUISA PIONEIRA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PETRÓGLIFOS DE MARA ROSA, GOIÁS, BRASIL
Marciel Mendes de Avelar Pereira
- 167 -

SEXUALIDADE ANCESTRAL NAS PINTURAS RUPESTRES DO PNSC/PI/BRASIL
Michel Justamand, Pedro Paulo Funari, Marcélia Marques, Mauro Alexandre Farias Fontes, Washington Ramos dos Santos Júnior, Ana Cristina Alves Balbino, Marcial Cotes, Gabriel Frechiani de Oliveira, Vitor José Rampaneli de Almeida, Leandro Paiva, Matteus Freitas de Oliveira, Vanessa da Silva Belarmino, Ana Caldeiras e Gabriela Rabello
- 185 -

ARQUEOLOGIA AMBIENTAL E ARTE RUPESTRE: PESQUISAS NO CAMPO DA CONSERVAÇÃO COMO SUPORTE PARA PRESERVAÇÃO DE SÍTIOS GRÁFICOS NA REGIÃO DE CORONEL JOÃO SÁ, BAHIA, NORDESTE DO BRASIL
Sebastião Lacerda de Lima Filho, Manoel Odorico de Morais Filho, Suely Amâncio Martinelli e Henry Lavalle Sullasi
- 201 -

OS DESAFIOS NA CONSERVAÇÃO DE SÍTIOS RUPESTRES BRASILEIROS: O CASO DO SÍTIO PEDRA DO MIRANTE, DISTRITO DE NOVO RIACHUELO, REGIÃO DE PRESIDENTE MÉDICI – RO, AMAZÔNIA OCIDENTAL
Sebastião Lacerda de Lima Filho, Maria Coimbra de Oliveira, Manoel Odorico de Morais Filho e Deise Lemos Carvalho
- 217 -

"UM DIA É DA CAÇA, OUTRO É DO CAÇADOR": AS PINTURAS RUPESTRES COM TEMÁTICA DE CAÇA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA – PI
Vanessa da Silva Belarmino, Mauro Alexandre Farias Fontes e Michel Justamand
- 239 -

NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DOS CERVÍDEOS NAS PINTURAS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PI: UMA PROVÁVEL VARIÁVEL PARA O ENTENDIMENTO DOS AMBIENTES PRÉ-HISTÓRICOS
Vitor José Rampaneli de Almeida, Michel Justamand, Marcial Cotes, Leandro Paiva e Gabriel Frechiani de Oliveira
- 265 -

ARQUEOLOGIA COGNITIVA: CIRCUITOS E CONEXÕES SINÁPTICAS — CONTRIBUIÇÕES PARA INTERPRETAÇÃO DA ARTE RUPESTRE
Willian Pereira Leal e Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento
- 281 -

SOBRE AS/OS AUTORES
- 291 -

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTE RUPESTRE – ABAR
- 297 -

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS
- 299 -

DA METONÍMIA À METÁFORA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

Celito Kestering
Vanessa Cosma da Silva

1 INTRODUÇÃO

Assim como nos demais artefatos da cultura material, o estudo da arte rupestre necessita sustentar-se em um sistema de conceitos sobre o qual formulam-se hipóteses e propõem-se conhecimentos plausíveis. Com base no universo conceitual da Arqueologia Cognitiva, fez-se pesquisa junto ao Povoado de São Pedro, no município de Sento Sé. Os resultados ora se apresentam, para compreender as mudanças na estrutura do mapa cognitivo dos autores dos registros rupestres da Tradição Nordeste que, há seis mil anos, puseram fim a sua realização dominantemente metonímica, no Parque Nacional Serra da Capivara. Dada a proximidade da região Sudeste do Piauí com a região submedial do Vale do Rio São Francisco, propôs-se, em nível hipotético, que seu desaparecimento aconteceu pela evolução decorrente de apropriações culturais de seus autores, em convivência com grupos originários do Planalto Central do Brasil, cujo sistema de comunicação era eminentemente metafórico.

De acordo com Bateson (1977 *apud* Kestering 2007, p. 31), "as apropriações que ocorrem nos contatos sociais promovem fusão completa dos grupos originalmente diferentes, eliminação de um dos grupos ou até mesmo dos dois, ou ainda, a persistência deles em equilíbrio dinâmico, no interior de uma comunidade maior". Pela mesma razão, milênios mais tarde, com a estratégia da negação de sua etnicidade e apropriação do sistema de comunicação dos europeus, os grupos indígenas da região Nordeste do Brasil sobreviveram, pela substituição de atributos periféricos da identidade nativa e adoção do sistema de comunicação dos colonizadores de origem europeia. Fortalece-se, assim, a proposição de que eles não foram massivamente assassinados como sugere a historiografia oficial. É mais plausível a proposição de que eles se apropriaram do sistema de comunicação vantajosamente mais metafórica dos neopovoadores europeus, como similarmente acontecera com os grupos da Tradição Nordeste, em tempos pré-coloniais recuados.

> Semelhanças temáticas entre grafismos da Subtradição Sobradinho e do Estilo Serra Branca sugerem ter havido contatos com apropriação de atributos gráficos entre grupos pré-históricos do Submédio São Francisco e do Parque

> Nacional Serra da Capivara. No Estilo Serra Branca, [por exemplo], algumas temáticas recorrentes da Área Arqueológica de Sobradinho foram utilizadas no preenchimento de figuras. As figuras da Subtradição Sobradinho diferenciam-se, porém, do padrão de [cognoscibilidade] do Estilo Serra Branca cujos grafismos são [conhecíveis] e apresentam [formas] típicas da fase final da Subtradição Várzea Grande, Tradição Nordeste. (KESTERING, 2007, p. 174).

Iniciou-se a pesquisa com consultas bibliográficas sobre os atributos da identidade dos grupos pré-coloniais da Região Nordeste do Brasil. Continuou-se com a definição dos conceitos de tradição, subtradição e estilo e o esclarecimento de sua importância para o reconhecimento de atributos da identidade e evolução dos autores dos grafismos rupestres. As pesquisas de campo, o mapeamento e o registro fotográfico permitiram uma inicial compreensão dos espaços originais ocupados pelos grupos da Tradição Nordeste e da Tradição São Francisco. Observou-se que, diferentemente do que ocorria no território do atual Parque Nacional Serra da Capivara, na região do Submédio São Francisco havia muitos almofarizes [1] nas proximidades dos sítios arqueológicos com painéis de registros rupestres. Isso sugere que os autores dos registros gráficos pré-históricos dessa região, além de possuírem sistema de comunicação diferente, dedicavam-se à agricultura de subsistência, em disparidade com os originais ocupantes da região Sudeste do Piauí, eminentemente coletores - caçadores.

Para viabilizar análises comparativas entre figuras rupestres realizadas por grupos da Tradição Nordeste, encontradas no Parque Nacional Serra da Capivara e as figuras da Tradição São Francisco abundantes no vale homônimo, levantaram-se referências teóricas e adotou-se método apropriado a sua abordagem. Priorizou-se a análise das figuras que representam vulvas. Enfatizaram-se as diferenças no padrão de cognoscibilidade, assim como nas formas e técnicas utilizadas para a representação dessa temática.

2 APORTE TEÓRICO E MÉTODO

Reconhecem-se identidades pelos atributos, propriedades qualitativas e/ou quantitativas que distinguem um membro, de um conjunto. São características ou traços pelos quais se reconhecem entidades. Atributos que permitem o reconhecimento de entidades coletivas são peculiaridades comuns, perceptíveis nos padrões físicos e na cultura material ou imaterial de um grupo. Pode-se, assim, reconhecer grupos pré-coloniais, pela observação de atributos conservados na cultura material a que se vinculam os registros rupestres.

---

[1] Matacões ou maciços em que se trituram e homogeneízam alimentos e quaisquer outros sólidos. São também conhecidos como pilões. Estes objetos associam-se a sociedades com sistema econômico essencialmente agrícola.

Trabalhou-se com o informe de que, há seis mil anos, os atributos identitários dos grupos vinculados à Tradição Nordeste deixaram de materializar-se, no universo das pinturas rupestres preservadas na área do atual Parque Nacional Serra da Capivara. Propôs-se, por isso, em nível hipotético, que elas teriam se modificado pela assimilação da estrutura do sistema de comunicação de grupos ligados à Tradição São Francisco. Assim, prosseguiu-se a pesquisa iniciada por Pessis (1987), quando afirmava que a Tradição Nordeste "desapareceu silenciosamente". No ano seguinte, Guidon (1988, p. 8) endossava essa afirmação com os dizeres: "As datações obtidas e a análise da indústria lítica confirmam as conclusões às quais chegamos, graças ao estudo da arte rupestre. A tradição Nordeste, evidente desde há 12.000 anos, parece desaparecer por volta de 7.000 +/- 6.000 anos".

Para identificar atributos da identidade dos autores abordaram-se esses fragmentos do sistema dominantemente pré-colonial de comunicação, com pressupostos teóricos e parâmetros de análise eminentemente estruturalistas. Segregaram-se, assim, as unidades gráficas disponíveis (pinturas e gravuras) pelo critério da cognoscibilidade. Assim, classificaram-se elas como conhecíveis ou reconhecíveis.

São conhecíveis as pinturas e/ou gravuras que os pesquisadores identificam, no momento de sua visualização porque relacionam suas temáticas com algo do universo conhecido. Elas são facilmente identificadas porque representam componentes do mundo sensível, como zoomorfos (felinos, cervídeos, equídeos, pássaros, serpentes, quelônios), antropomorfos (de braços abertos, flexionados ou miniaturais), fitomorfos (palmeiras, leguminosas), anatômicos (mãos, pés, braços). Diz-se, por isso que são representações metonímicas. Seus conceitos não transcendem os horizontes do conhecimento dos pesquisadores. Dão-se a conhecer de imediato porque, em relação dialógica hermenêutica com os autores, compartilha-se a chave da decodificação ou desvendamento de seus significados, com diferentes níveis de confiabilidade. O grau de fidúcia depende do conjunto de conhecimentos, do contexto desvendado, da capacidade de percepção e/ou do grau de aprimoramento técnico do sujeito cognoscente.

Para a identificação de pinturas ou gravuras reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas pelos pesquisadores, inicia-se o processo de reconhecimento ao considerar-se como unidade gráfica um signo ou todo conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não se segregam figuras semelhantes em outros agrupamentos picturais. Elas são, por isso, reconhecidas nas recorrências. Diz-se, por isso que são representações metafóricas. Seus conceitos transcendem os horizontes do conhecimento imediato dos pesquisadores. Seus significados podem dar-se a conhecer pelo desvendamento do contexto arqueológico, com anos de exaustivas prospecções e/ou escavações em determinada região. Quando se evidenciam elementos da cultura material, compartilha-se com seus autores a chave para sua decodificação.

> Todo o conhecimento envolve a relação direta do sujeito cognoscente com algum objeto (a relação de conhecer diretamente ou, conversamente, de apresentação de um objeto a um sujeito cognoscente), mesmo que esse conhecimento seja por descrição de outro objeto. (RUSSELL, 1966).

Há grupos que se inclinam a edificar seu sistema de comunicação com representações majoritariamente metonímicas ou realistas. Outros há que demonstram preferência por representações metafóricas, simbolistas abstratas ou geométricas.

> Pesquisadores como Annette Laming-Emperaire, afirmavam que as figuras representadas nos paredões rochosos traziam informações, as quais eram deixadas de forma consciente ou espontânea pelos homens pré-históricos. Por ter sido fortemente influenciada pelo estruturalismo durante sua formação, Laming-Emperaire procurou estabelecer uma ordem nas representações rupestres, evitando evocar analogias simples, relacionando as pinturas com as próprias sociedades que as produziram. (DUARTE, 2011, p. 17).

Pelo parâmetro da cognoscibilidade dominante, relacionada com longo tempo e amplo espaço, atribuem-se conjuntos de pinturas e gravuras rupestres a grupos ligados a tradições. Assim, filiam-se os grupos com sistema de comunicação majoritariamente metonímico à Tradição Nordeste e os grupos de comunicação soberanamente metafórica, à Tradição São Francisco. Na região Nordeste do Brasil há dominância absoluta de representações metonímicas no Parque Nacional Serra da Capivara que se situa no Vale do Rio Piauí, integrante da Bacia Hidrográfica do Nordeste, e metafóricas, prevalecentes em toda extensão do Vale do Rio São Francisco, onde perfazem "80% a 100% das sinalações". (PROUS, 1992 *apud* DUARTE, 2011, p. 22).

> [Tradição] compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas [e/ou gravuras] de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes. (MARTIN, 2005 *apud* DUARTE, 2011, p. 21).

Para auferirem eficaz qualidade de vida e consequente sucesso reprodutivo, em diferentes ambientes, provocam-se os grupos ligados a ancestrais comuns a adquirirem padrões comportamentais específicos. Desenvolvem técnicas apropriadas e aprimoram seu sistema de comunicação, com formas inovadoras. Assim as comunidades diversificam-se pela aquisição de atributos resultantes das adaptações ambientais e sociais. As tradições subdividem-se, por isso, em subtradições. As adequações dos grupos traduzem-se em mudanças temáticas e técnicas no sistema de comunicação, nas formas dos artefatos líticos e cerâmicos, nas habilidades relativas a sua confecção e/ou utilização,

nos componentes e na estrutura dos enxovais de enterramento e fogueiras, bem como em múltiplas particularidades de outras manifestações culturais. Assim, em território submedial sanfranciscano o patrimônio rupestre de grupos integrantes da Tradição São Francisco, bem como o conjunto de artefatos líticos e cerâmicos possuem formas peculiares que se definiram pela utilização de técnicas apropriadas, demandadas pelos intercâmbios culturais e pela paisagem local.

> [Por isso,] para segregar a identidade dos grupos pré-coloniais do Vale do São Francisco, busca-se, nas pinturas rupestres, o reconhecimento de padrões. A padronização das ações desses grupos preserva-se nos grafismos rupestres. Ela resulta de um conjunto de ações aprovadas pelo grupo. Tudo o que acontece na vida cotidiana, sem a aprovação do grupo, não passa de expressões fortuitas, sem padronização. (DUVIGNAUD, 1992 *apud* KESTERING, 2007, p. 21).

Os atributos de identidade modificam-se, assim, diante das exigências ambientais e de relações sociais internas e externas dos grupos. Os grupos são sistemas abertos. Eles possuem dinâmicas próprias que promovem trocas genéticas e culturais. É por isso que, mesmo conflituosas, as relações entre grupos sociais promovem apropriações biológicas e culturais, tanto pelos remanescentes dos vencidos quanto pelos dos vencedores. (FERREIRA NETO *in* CARDOSO e VAINFAS, 1997 *apud* KESTERING, 2007, p. 31). Os grupos de uma mesma espécie precisam estar ligados por cruzamentos. Não havendo mesclas com outros grupos, ao longo do tempo, os indivíduos definham-se e podem evoluir para uma subespécie, ainda em condições de cruzamento. Se a barreira que impede o cruzamento persistir por muito tempo, a tendência da subespécie isolada é evoluir para outra espécie, o que significa que, se encontrar populações da espécie original, não se cruzará mais com elas. (WILSON, 1994 *apud* KESTERING, 2007, p. 31).

> Por comporem uma espécie biológica definida, os humanos, formam um conjunto genético fechado. Não trocam *genes* com outras espécies. Os indivíduos de um grupo não podem, por isso, desviarem-se muito dos demais porque precisam intercambiar genes com famílias de outros grupos. (KESTERING, 2007, p. 31).

A transmissão de atributos físicos e culturais integra processos diferentes. Os atributos biológicos transmitem-se nas estruturas genéticas do DNA e os culturais, no processo de ensino aprendizagem. Apesar da característica comum da transmissão de atributos genéticos e culturais, as espécies biológicas diferentes não se cruzam e, quando o fazem, produzem descendentes estéreis, enquanto os atributos culturais resultam de cruzamentos férteis de toda espécie. (GALLAY, 1983; BASALLA, 1991 *apud* KESTERING, 2007, p. 32).

> Grande parte das mudanças nos atributos culturais acontece nas relações pessoais ou grupais. As transmissões de atributos culturais de identidade ocorrem no cruzamento horizontal de informações, quando indivíduos aprendem de seus contemporâneos; vertical, de seus antecessores ou oblíqua, de outras pessoas mais velhas. Quando as informações são transmitidas verticalmente, de pai para filho, ocorrem pouquíssimas mudanças; quando se cruzam no interior dos grupos sociais, são surtis; **quando transmitidas entre diferentes grupos sociais, são radicais e, por isso, facilmente identificáveis** (grifo nosso). (SHENNAN, 2002, p. 304).

Na construção das identidades atuam agentes conservadores como a tradição, o poder e a própria estrutura genética que uniformizam e perpetuam padrões de comportamento dos indivíduos e dos grupos. O processo de ensino aprendizagem que se realiza nos intercâmbios, não se reduz, por isso, à simples cópia de atributos. A aprendizagem envolve estruturas físicas que dependem dos sistemas hormonal e nervoso, herdados geneticamente. (PIAGET, 1996 *apud* KESTERING, 2007, p. 33).

> Nos intercâmbios com o meio ambiente e com outros grupos, os indivíduos agregam a sua identidade os atributos adquiridos pelo processo de aprendizagem. No processo de aprendizagem, a assimilação da realidade externa, para a produção de conhecimentos, depende da estrutura genética dos indivíduos e da estrutura mnemônica do grupo. As estruturas mnemônicas são arquivos de memória pelos quais se reconhecem os traços funcionais essenciais dos objetos. Assim, a capacidade de perceber e reproduzir imagens depende, em última instância, de disposições físicas e de potencialidades desenvolvidas pelos indivíduos, no contexto social e ambiental. Vê-se o que se está condicionado a ver. Percebe-se e incorpora-se aquilo que se associa com as estruturas mnemônicas. Por estarem estreitamente relacionadas com a estrutura genética e mnemônica, as manifestações culturais preservam atributos caracterizadores da identidade dos grupos. Entende-se por estrutura o modo como estão dispostos e se relacionam as partes de um conjunto. (KESTERING, 2007, p. 33).

As estruturas genéticas e mnemônicas transmitem-se de geração em geração e se manifestam nas homologias. Segundo Wilson (1978 *apud* Kestering, 2007, p. 33) "homologia é toda a semelhança entre estruturas anatômicas, processos fisiológicos ou genes idênticos de duas ou mais espécies, decorrente da posse de um antepassado comum". A constatação de que existem homologias no comportamento animal leva etólogos, biólogos, antropólogos e arqueólogos a defenderem a proposição de que, na passagem de atributos culturais de identidade entre gerações, funcionam processos semelhantes aos fatores que mantêm atributos físicos na herança genética. (LORENZ, 1995 *apud* KESTERING, 2007, p. 33).

Utiliza-se o conceito de homologia para os atributos culturais que, apesar de apresentarem mudanças ao longo do tempo, mantêm constante uma estrutura com a qual se relacionam diferentes grupos ligados

a ancestrais comuns. Com base nesta fundamentação teórica, formula-se a hipótese de que os grupos de diferentes ancestralidades quais eram os que se vinculavam à Tradição Nordeste e os que se integravam à Tradição São Francisco, respectivamente, mantiveram fecundos contatos. Nesses relacionamentos ocorreram intercâmbios genéticos e culturais, com profundas mudanças no sistema de comunicação, que se materializaram e perpetuaram-se nos padrões metafóricos de cognoscibilidade, apesar de inovarem-se as temáticas (formas) dos registros rupestres.

2 ÁREA DE ESTUDO

Começou-se por analisar painéis de pintura rupestre que se identificaram no Serrote do Caldeirão do Manezinho, localizado no município de Sento Sé, integrante da Área Arqueológica de Sobradinho - BA. Essa unidade federativa, criada por decreto imperial, no dia 6 de julho de 1832, localiza-se no extremo norte da Bahia, margem direita do Rio São Francisco e ocupa uma área de 12.871,04 km². Limita-se ao norte com os municípios de Pilão Arcado, Remanso e Casa Nova; ao sul com Campo Formoso, Umburanas e Morro do Chapéu; ao leste com Sobradinho e a oeste com Itaguaçu da Bahia, Xiquexique e Jussara. Nela, a precipitação pluviométrica registrada em série histórica apresenta amplitude variável entre 500 e 600 mm por ano. O período chuvoso ocorre entre os meses de novembro e março. Sua sede atual, cercada por belíssimas serras, situa-se na margem direita do lago de Sobradinho, às coordenadas 24L 183617, UTMN 8922023, a 403 metros de altitude. (Fig. 1). Seu clima é semiárido e sua vegetação predominante, a caatinga. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população é de aproximadamente 36 mil habitantes. Está entre as cinco cidades relocadas por terem suas antigas sedes inundadas pela construção da Barragem de Sobradinho, promovida pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), na década de 1970.

Nesse município conservam-se tradições indígenas como a reverência a Caipora, Caboclo Muribeca, Homem Folhagem e Negro d'Água. As casas de farinha, de onde sai o produto manufaturado para a confecção de beijus, papas, mingaus, bolos de puba, bolos de macaxeira, tapioca e paçoca, trazem ainda características seculares, relacionadas aos períodos coloniais e milenares, associadas a imemoriais tempos pré-históricos.

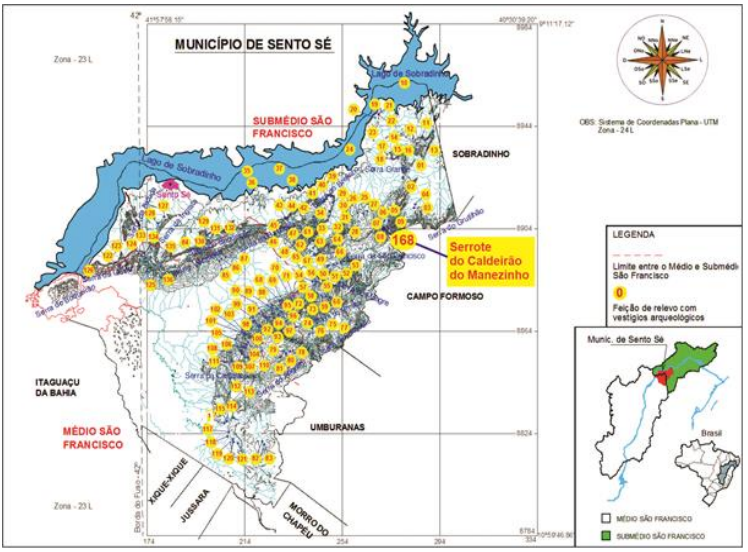
No entorno próximo de vários povoados identificaram-se muitas feições de relevo com artefatos arqueológicos. Existem centenas, quiçá milhares de painéis de pintura rupestre que se deterioram porque estão expostos a intempéries físicas e químicas. Muitos há que se degradam por raízes de plantas fixas no suporte, sal, fogo, insetos, fezes e urina de mocó, pichação e desplacamento. (Fig. 2).

Figura 1 - Acesso e distância entre o sítio, a atual e à antiga cidade de Sento Sé



Fonte: Google Earth (2016), modificado pelos autores

Figura 2 – Feições de relevo com artefatos e vestígios arqueológicos diversos



Fonte: Kestering (2014, p. 28), adaptado pelos autores

2.1 Serrote do Caldeirão do Manezinho

O Serrote do Caldeirão do Manezinho (168) não havia sido identificado nas primeiras prospecções realizadas por professores e estudantes do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. Trata-se de um morro residual da Chapada Diamantina, distante 20 km ao sul do povoado de Piçarrão, 30 km a sudeste da antiga cidade de Sento Sé e 200 km (em linha reta, também a sudeste) do Parque Nacional Serra da Capivara. Nele existem quatro sítios arqueológicos: Manezinho 1 (168.1), Manezinho 2 (168.2), Manezinho 3 (168.3) e Manezinho 4 (168.4).

São alcantis esculpidos em rochas metassedimentares da Formação Tombador em que se preservam painéis de pintura rupestre, frente aos quais se encontram artefatos líticos e outros indicativos de ocupações temporárias, tanto pré-históricas quanto históricas. Segundo o guia Juvêncio Rocha da Silva, morador local de ancestralidade nativa, há relatos de que eram ocupados por cangaceiros, entre os quais destaca-se, por notoriedade, o grupo de Lampião que neles se abrigava no início de século XX. (Fig. 3 e 4).

Figura 3 - Serrote do Caldeirão do Manezinho



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 4 – Distribuição espacial dos sítios Manezinho 1, 2, 3 e 4

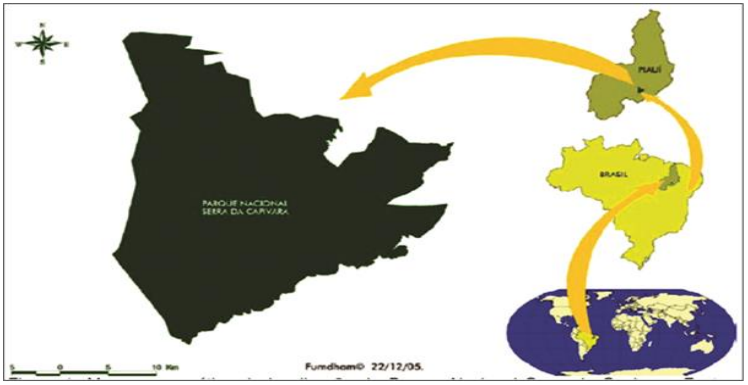


Fonte: Google Earth (2016), adaptado pelos autores

3 PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

O Parque Nacional Serra da Capivara, localiza-se no sudeste do Piauí. (Fig. 5). Ocupa uma área de 129.953 hectares em território que abrange parte dos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí. A ele integram-se os topônimos: Serra Vermelha, Serra Talhada, Serra da Capivara, Serra Branca e Serra do Gongo. Situa-se entre dois domínios geológicos, a Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal e a Bacia Sedimentar do Parnaíba. Em sua área de abrangência cadastraram-se já 680 sítios, dos quais 600 com pinturas e 80 com gravuras rupestres. (CASTRO 2010).

Figura 5 – Localização do Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: Fumdham (2005)

No universo das pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara predominam as figuras metonímicas da Tradição Nordeste, realizadas no período de 12 mil a seis mil anos antes do presente. Elas também ocorrem, em menor concentração, porém, nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará e norte de Minas Gerais. São pinturas predominantemente monocromáticas que representam homens, animais, vegetação e, em proporção mínima, figuras metafóricas. Representavam-se os antropomorfos em rituais essencialmente ligados à vida, como danças, relações sexuais, caça, cerimoniais e cenas míticas. (Fig. 6). Os temas representados repetiram-se ao longo do tempo, com variações perceptíveis na forma e na técnica o que possibilita dividi-las e subdividi-las em subtradições e estilos, respectivamente.

> A subdivisão das tradições em subtradições fundamenta-se no pressuposto de que os grupos vinculados a uma tradição continuam realizando, por longo

> tempo, grafismos com o mesmo padrão de cognoscibilidade, adicionando componentes temáticos e técnicos surgidos como resultado das adaptações ambientais e sociais ao novo hábitat. (KESTERING (2007, p. 30).

Assim foi que se identificaram nelas as subtradições Várzea Grande, predominante no Parque Nacional Serra da Capivara, e a Subtradição Seridó, majoritária no Rio Grande do Norte. A Subtradição Várzea Branca, objeto de interesse para o estudo comparativo que se fez na presente pesquisa subdivide-se em dois estilos, quais são, Serra da Capivara (mais antigo) e Serra Branca (mais recente).

> O estilo Serra da Capivara foi classificado como o primeiro e mais antigo, pode ter iniciado há 12.000 anos BP. Caracteriza-se por suas representações dinâmicas individuais que mostram aspectos lúdicos formados por casais, ou pequenos grupos de seres humanos ou animais, e apresentam-se exclusivamente na cor vermelha. Os temas apresentados no Estilo Serra da Capivara são a sexualidade, a dança lúdica e ritual, os ritos cerimoniais coletivos, a caça individual de pequenos animais. (MARTIN, 2013).

Figura 6 - Tradição Nordeste, estilo Serra da Capivara

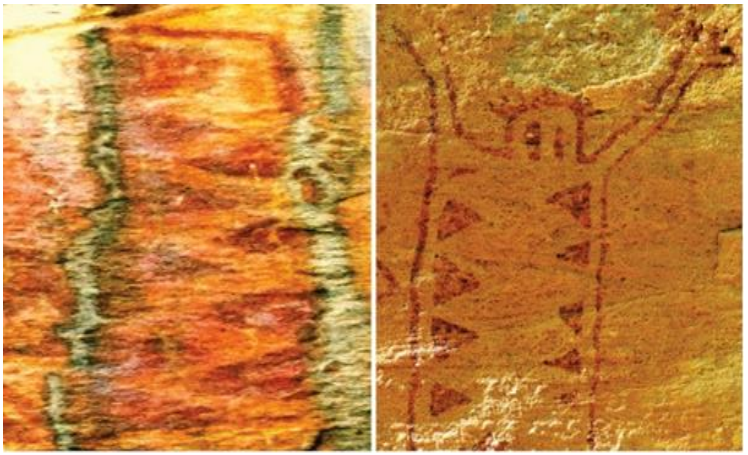


Fonte: Souza (2009)

O estilo Serra Branca se caracteriza pela continuidade da representação de figuras metonímicas, típicas dos grupos pré-históricos da Tradição Nordeste, pelo desaparecimento do dinamismo próprio do estilo Serra da Capivara e pela inauguração de seu preenchimento com unidades metafóricas (geométricas) próprias dos grupos pré-coloniais da Tradição São Francisco. (Fig. 7 a 10). Com base no pressuposto de Bateson (1977 *apud* Kestering 2007, p. 31), as apropriações que ocorreram no sistema de comunicação dos grupos vinculados à Tradição Nordeste aconteceram, concomitante e reciprocamente,

nos grupos pertencentes à Tradição São Francisco, com “fusão completa dos grupos originalmente diferentes”. Propõe-se, por isso, em nível preliminar e hipotético que, com o desaparecimento da Tradição Nordeste, e a fusão física e cultural dos grupos originalmente diferentes, a partir de seis mil anos, instaurou-se na região Nordeste do Brasil, um sistema único de comunicação rupestre. A metonímia cedeu lugar à metáfora. A caça e a coleta persistiram, em harmonia com a pesca e a prática agrícola de lameiro e/ou sequeiro.

Figura 7 - Unidades gráficas, da Tradição São Francisco e da Tradição Nordeste



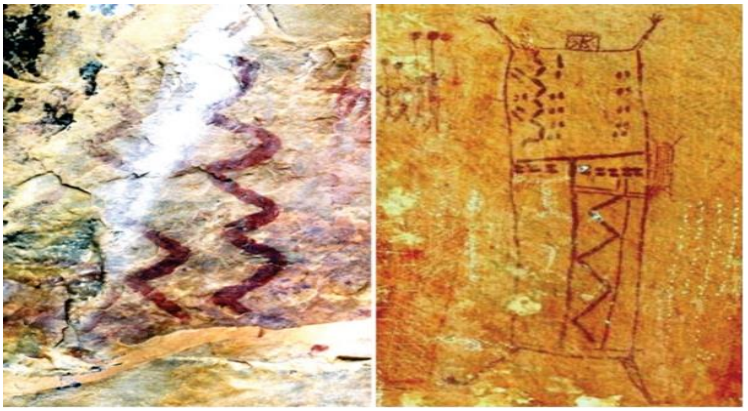
Fontes: Acervo fotográfico dos autores (2016) e Campos (2021)

Figura 8 - Unidades gráficas, da Tradição São Francisco e da Tradição Nordeste



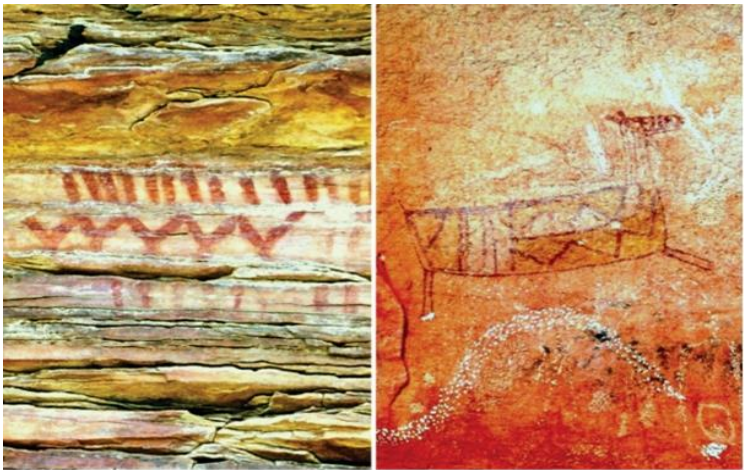
Fontes: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 9 - Unidades gráficas, da Tradição São Francisco e da Tradição Nordeste



Fontes: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 10 - Unidades gráficas, da Tradição São Francisco e da Tradição Nordeste



Fontes: Acervo fotográfico dos autores (2016)

4 ANÁLISE COMPARATIVA

Selecionaram-se painéis rupestres com senas de sexo, dos sítios Toca da Entrada do Pajeú, Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Toca do Caldeirão do Rodrigues I e Toca do Pinga do Boi, situados na área do Parque Nacional

Serrada Capivara. (Fig. 11 a 14). Compararam-se as representações vulviformes desses sítios da Tradição Nordeste, eminentemente metonímicos, com figuras semelhantes, da Tradição São Francisco, majoritariamente metafóricas, encontradas em sítios da região submedial do Rio São Francisco. Iniciou-se pela comparação com as pinturas encontradas no Serrote do Caldeirão do Manezinho. (Fig. 15 e 16).

Figura 11 – Painel rupestre com cena de sexo, na Toca da Entrada do Pajeú



Fonte: Castro (2010)

Figura 12 – Painel rupestre com cena de sexo, na Toca da Entrada do Baixão da Vaca



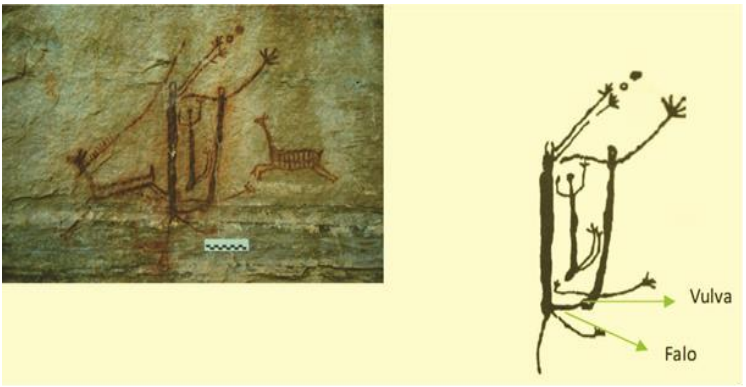
Fonte: Castro (2010)

Figura 13 – Painel rupestre com cena de sexo, na Toca do Caldeirão dos Rodrigues I



Fonte: Castro (2010)

Figura 14 – Cena de sexo, na Toca do Pinga do Boi, Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: Castro (2010)

Observa-se que, nos painéis de pintura rupestre da Tradição Nordeste, Subtradição Várzea Grande, estilo Serra da Capivara, realizados na área do Parque Nacional Serra da Capivara, a representação da temática relativa à sexualidade, por ser metonímica, demandava a presença de figuras humanas em que se evidenciava explicitamente a cópula. O significado das cenas, dos indivíduos, do falo e da vulva revelam-se de imediato aos pesquisadores, independentemente de sua formação ou nível de instrução, porque a chave para sua decodificação (a estrutura humana constituída de elementos anatômicos e hormonais responsáveis pela libido do *Homo sapiens,* histórico e pré-histórico, são os mesmos). Diz-se por isso que as figuras e as cenas se revelam de imediato. São, por isso, conhecíveis.

Constata-se que, no primeiro painel do Sítio Manezinho 3, segregado para a presente pesquisa, o autor ocupou-se em enfatizar a representação da vulva em relação a outra figura, provavelmente masculina, cujo falo não evidenciou. No painel seguinte vê-se uma representação da vulva associada ao corpo feminino (metonímica), e outra na base, à direita do observador, desvinculada dele (metafórica). Essa percepção permite aferir a consistência dos conceitos e parâmetros utilizados para ordenamento das figuras rupestres e propor que o "silencioso" desaparecimento da tradição Nordeste, há seis mil anos, aconteceu pela evolução do sistema de comunicação dos grupos da Tradição Nordeste, econômica e tecnicamente mais frágeis que os da Tradição São Francisco. Enquanto os originais ocupantes do território do atual Parque Nacional Serra da Capivara eram coletores-caçadores, os exploradores das húmicas ilhas e margens do Rio São Francisco eram coletores, caçadores, pescadores e agricultores (política, técnica e economicamente mais fortes). (Fig. 15 e 16).

Figura 15 – Representação de vulva no Sítio Manezinho 3, em Sento Sé - BA



Foto: Kestering (2016), adaptada com vetorização, pelos autores

Figura 16 – Representação de vulva no Sítio Manezinho 3, em Sento Sé - BA

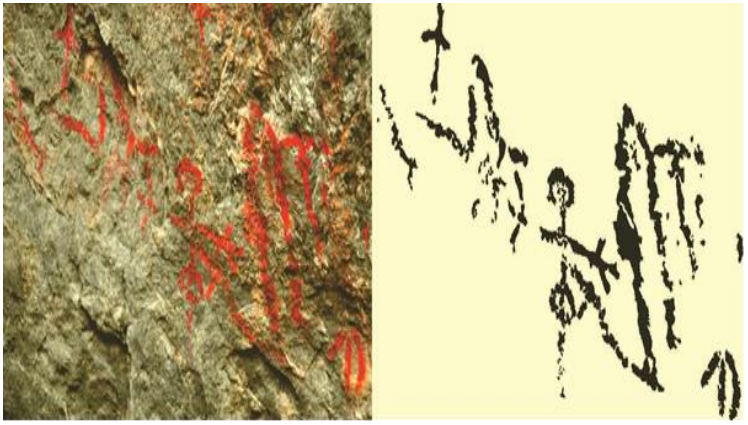
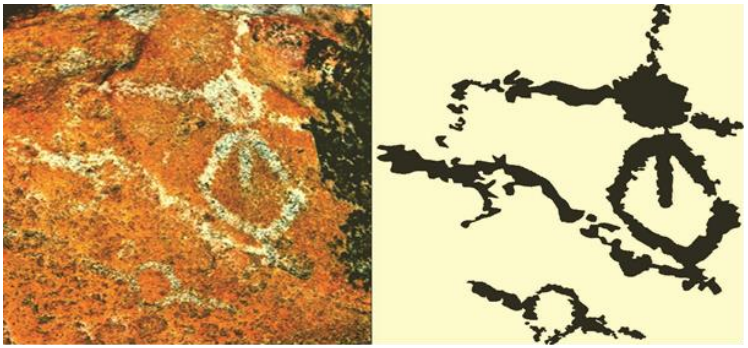


Foto: Kestering (2016), adaptada com vetorização pelos autores

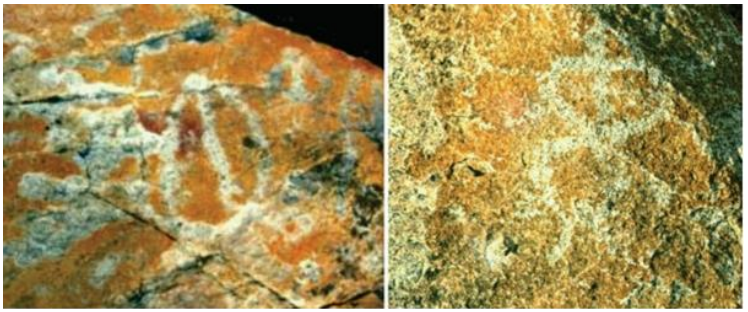
Na Lagoa da Ponta Baixa, município de Jaguarari - BA, a 115 Km, em linha reta, do Serrote do Caldeirão do Manezinho, encontram-se painéis com gravuras rupestres semelhantes, a sugerir a mesma transição cultural (da metonímia à metáfora), na representação da temática relativa à reprodução humana. (Fig. 17 e 18). Nos boqueirões do Brejo de Dentro, do Riacho São Gonçalo e dos Caldeirões, distantes 35 Km, 38 Km, e 44 Km, em linha reta, respectivamente, as representações vulviformes são todas metafóricas. (Fig. 19 a 24).

Figura 17 – Representação de vulva na Lagoa da Ponta Baixa, em Jaguarari - BA



Fonte: Kestering (2021, p. 140), adaptada com vetorização pelos autores

Figura 18 – Representação de vulva na Lagoa da Ponta Baixa, em Jaguarari - BA



Fonte: Kestering (2021, p. 144 e 146), adaptada pelos autores

Figura 19 – Representação de vulva no Sítio Brejo de Dentro 17 (código 17.17)



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 20 – Representações de vulva no Sítio São Gonçalo 8 (código 14.8)



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 21 – Representação de vulva no Sítio São Gonçalo 16 (código 14.16)



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 22 – Representação de vulva no Sítio São Gonçalo 18 (código 14.18)



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 23 – Representações de vulva no Sítio São Gonçalo 20 (código 14.20)



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 24 – Representação de vulva no Sítio Caldeirões 7 (código 25.7)



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Observe-se que a transição do sistema metonímico ao sistema metafórico constata-se também em outras figuras rupestres que se encontram no Submédio São Francisco. A título de exemplo, apresenta-se a figura serpentiforme que se vê com forma metonímica em painel do Sítio São Gonçalo 19 (Pedra da Gameleira - 14.19). Vê-se a, na mesma geoforma, com aparência metafórica, em painel do Sítio São Gonçalo 11 (Pedra Gêmea - 14.11). (Fig. 25 e 26).

Figura 25 - Figura serpentiforme, em padrão metonímico, no Sítio São Gonçalo 19



Fonte: Acervo fotográfico dos autores (2016)

Figura 26 - Figura serpentiforme, em padrão metafórico, no Sítio São Gonçalo 11



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2016, p. 14)

> Enquanto se fazia a coleta de artefatos arqueológicos, observou-se a presença de pequenos animais que compõem a fauna regional. Constatou-se relativa abundância de periquitos (*Aratinga cactorum*), rolinhas fogo apagou (*Columbina squammata*), calangos da caatinga (*Cnemidophorus ocllifer*), lagartixas da caatinga (*Phyllopezus periosus*) e cobras cipós (*Oxybelis aeneus*).
>
> Chamou particular atenção uma jararaca malha de cascavel (*Bothrops erythromelas*) conhecida regionalmente como "jabiraca malha de cascavel". Diz-se tratar de uma cobra peçonhenta responsável pela morte de várias pessoas do povoado. Despertou extrema curiosidade o fato de sua estampa corresponder com a temática dominante dos registros rupestres da Subtradição Sobradinho, Estilo São Gonçalo com grande recorrência no Boqueirão do riacho homônimo, realizadas por grupos pré-coloniais, no período de 9.000 a 6.790 anos AP, quando o clima da região era tropical úmido.
>
> Sabe-se que 90% dos acidentes com serpentes venenosas do Brasil têm como vítimas pessoas picadas por jararacas e 8%, por cascavéis. A partir desse dado, formula-se a hipótese de que as pinturas rupestres da Subtradição Sobradinho tenham sido realizadas por grupos pré-coloniais do Vale do São Francisco como marcadores de memória sobre o perigo que elas (a jararaca e a cascavel) representam nos boqueirões e grotas onde se encontram em abundância.
>
> São frequentes os relatos de que as duas espécies de anfíbios provocam acidentes fatais nos rebanhos caprinos, ovinos e bovinos. Diz-se que há casos em que os criadores perdem várias cabeças desses animais, principalmente nos meses de abril e maio, quando elas saem de seus abrigos para acasalamento. (KESTERING; AQUINO; BEZERRA, 2014, p. 13).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face aos resultados obtidos com a pesquisa, sugere-se que, por sua eficácia operacional, as tradições Nordeste (metonímica) e São Francisco (metafórica) contemplem o universo de registros rupestres (pinturas e gravuras) com datação superior a seis mil anos. Entende-se que elas foram e continuam a ser profícuas na consecução do objetivo de identificarem-se os troncos culturais dos grupos nativos do continente sul-americano. Contudo, dada a dificuldade de se comprovar a persistência dos traços do sistema de comunicação de grupos vinculados à Tradição Nordeste, propõe-se que se integre todo o universo dos artefatos arqueológicos pré-históricos realizados no Nordeste do Brasil, a partir de então, a grupos ligados à Tradição São Francisco.

Com a chegada dos colonizadores portugueses, para garantir sua sobrevivência e sucesso reprodutivo pela utilização de arquivos de memória, em prolongadas relações com paisagens de territórios específicos, ao processarem-se reações frente estímulos ambientais e sociais diferentes, grupos vinculados à Tradição São Francisco, aperfeiçoaram seu sistema de comunicação. Pela representação de temáticas inovadoras, as mudanças se materializaram em técnicas perceptíveis nos registros rupestres, bem como, em formas e técnicas dos artefatos líticos, cerâmicos e de outras expressões culturais. (Fig. 27 e 28). Sugere-se, por isso, atribuí-los a grupos pertencentes à Tradição Pindorama. Ao invés das subtradições vinculadas com nomenclatura

portuguesa utilizem-se prioritariamente nomes originais (nativos) dos territórios. Assim, as pinturas rupestres, com temáticas coloniais, realizadas em Sobradinho – BA caracterizam-se como da Tradição Pindorama, subtradição Tatauí. Desta forma, identificar-se-ão atributos da identidade dos grupos pretéritos (coloniais e pré-coloniais) e os vínculos deles com a população atual do Brasil. Despertar-se-á e/ou fortalecer-se-á, com isso, o sentimento de pertença e a autoestima do povo brasileiro.

> Os índios conheciam como Pindorama o território que, a partir da colonização europeia passou a se chamar de Ilha de Vera Cruz (1500), Terra Nova (1501), Terra dos Papagaios (1501), Terra de Vera Cruz (1503), Terra de Santa Cruz (1503), Terra Santa Cruz do Brasil (1505), Terra do Brasil (1505) e Brasil (1572). (BUENO, 2003, p. 26 *apud* SOUZA e SAYÃO, 2011, p. 65).

Orgulhar-se-ão os arqueólogos por fazerem **ciência útil** à implantação da Terra Sem Males. Gloriar-se-á a população atual, por preservar sangue nativo e/ou traços culturais dos povos Tupinambá, Tupiná, Amaniú, Cariri, Aimoré, Caeté, Maxacali, Araxá, Proká, Tabajara, Kambiwá, Amoipirá, Tuxá, Truká, Atikum, Jaguarari, Tuxi, Pankararu, Pankararé, Sento Sé, Acoroá, Caimbé, Massacará, Guegoá, Timbira, Gilbué, Tamoio, Urucé, Crinquirim, Timbó, Okrém e outros.

Figura 27 – Antropomorfo em painel da Tradição Pindorama, Subtradição Tatauí



Fonte: Escolas do Campo (2022, p. 130)

Figura 28 - Interpretação, com consciência de pertencimento



Fonte: Escolas do Campo (2022, p. 122)

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Sérgio. **A Arte da Serra da Capivara**. Disponível em: https://br.pinterest.com. Acesso: 14 jan 2022.

CASTRO, Luiza. **Representações Sexuais na Pré-História, Parque Nacional Serra da Capivara: padrões cenográficos**. 2010. (Monografia). Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2010.

DUARTE, Cinthia Martins Davis. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no Município de Sento Sé – BA**. 2011. (Monografia). Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2011.

ESCOLAS DO CAMPO. Pinturas Rupestres. In: KESTERING, Celito; OLIVEIRA, Maria Socorro Aquino; KESTERING, Ducilene Soares Silva. **Herdeiros Tatauí**. São Carlos: Pedro e João Editores, p. 117-136, 2022.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Image Landsat / Copernicus. 2016.

GUIDON, Niède. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.** Recife: UFPE, 1988.

KESTERING. Celito. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA.** 2007. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Pernambuco. Recife: UFPE, 2007.

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé - BA**. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2014.

_____. **Patrimônio Jaguarari.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

KESTERING, Celito; AQUINO, Crisvanete de Castro; BEZERRA, Alvandyr. **Relatório Final do Projeto de Salvamento, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área do Parque Eólico Sobradinho - BA.** 2014. Disponível em: www.celitokestering.com.br. Acesso: 17 jan 2022.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5 ed. Recife: UFPE, 2013.

PESSIS, Anne-Marie. **Art Rupestre Préhistorique: premiers registres de la mise en scene**. 1987. Tese (doutorado de Estado). Nanterre: Université de Paris X, 1987.

RUSSELL, Beltrand. **Nosso Conhecimento do Mundo Exterior**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

SHENNAN, Stephen. **Genes, Memes and Human History: darwinian archaeology and**

cultural evolution. New York: Thames & Hudson, 2002.

SOUZA, Evandro André de; SAYÃO, Thiago Juliano. **História do Brasil Colonial**. Indaial: UNIASSELVI, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu. Acesso: 18 mar 2020.

SOUZA, Luciano. **Caracterização das Cenas de Guerra da Subtradição Várzea Grande na Área Arqueológica Serra da Capivara**. 2009. (Monografia). Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2009.